

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos [recurso eletrônico] / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-046-9 DOI 10.22533/at.ed.469202505</p> <p>1. Letras. 2. Linguística. 3. Artes. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Linguística, Letras e Artes e Novas Perspectivas dos Saberes Científicos, coletânea de dezessete capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Realizando um levantamento histórico em relação aos cursos de Letras e os seus estabelecimentos nas terras brasileiras, temos **OS CURSOS DE LETRAS NO BRASIL QUINHENTISTA E OS MONUMENTA ANCHIETANA: UMA ANÁLISE À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**, de Leonardo Ferreira Kaltner. Ainda na órbita da Linguística, temos **ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POSSIBILIDADE DE ESTIMULAR MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS DE DISCENTES PARA EVENTOS DE LETRAMENTO**, de Ewerton Lucas de Mélo Marques e Maria Auxiliadora Bezerra, e **LÍNGUA-ESTRUTURA E LÍNGUA-ACONTECIMENTO: UM OLHAR SOBRE O TÓPICO “GRAMÁTICA/DISCURSO” DA PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA**, de Fabiane Aparecida Pereira, que problematizam a questão do estágio supervisionado e a proposta curricular de Santa Catarina, respectivamente.

A TUPINOLOGIA E SEUS CRÍTICOS, de Eduardo de Almeida Navarro, **UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES INDIVIDUAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**, de Rodrigo Schaefer, e **SABERES LOCAIS E O TEXTO MULTIMODAL: PRÁTICAS DE TRANSLIETRAMENTOS NA FRONTEIRA**, de Adriane Elisa Glasser e Maria Elena Pires Santos, fecham a etapa de estudos linguísticos com contribuições sobre a língua tupi, o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e o translietramento.

A seção de Literatura congrega **O CONTO PERDIDO EM VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS, DE RUBEM FONSECA**, de Lucio Flavio Rocha Junior, e **QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA – A ESCRITA DE SI EM CAROLINA MARIA DE JESUS**, de Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos e Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, que possibilitam leituras e análises sobre a literatura de Rubem Fonseca e de Carolina Maria de Jesus.

Alcançando as Artes, temos **A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL E OS PRINCÍPIOS BÁSICOS QUE REGEM A ARTE COMO DISCIPLINA**, de Margareth Carli, que trata da disciplina e do ensino de artes, e, igualmente contemplando o ensino das artes, agora destacando a importância da pintura para a história da arte brasileira, **A PINTURA DE RETRATO NA SOCIEDADE PAULISTANA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL**, de Débora Elise de Almeida. **PALAVRAS E EXPRESSÕES INDÍGENAS EM TOADAS DE BOI BUMBÁ**, de Maria Celeste de Souza Cardoso, partilha a cultura indígena por meio das toadas. Semiótica e música é o enfoque de **ICONICIDADE E INDICIALIADE NA MÚSICA ELETROACÚSTICA**, de Fábio Scucuglia. A dança e a realidade escolar são abordadas por **MOVER E**

APRENDER: EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO NA ROTINA ESCOLAR, por Amanda da Silva Pinto.

A META-HISTÓRIA COMO MÉTODO NARRATIVO APLICADO ÀS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE IBERÊ CAMARGO NA SÉRIE CARRETÉIS, de Mirian Martins Finger e Jorge Luiz da Cunha, e **FILME “PANTERA NEGRA”: A REPRESENTAÇÃO POSITIVA DA ÁFRICA E DO NEGRO NO CINEMA COMO AÇÃO DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL**, de Andressa Queiroz da Silva e Maurício dos Santos Lopes Júnior, focalizam as séries e os filmes, o primeiro movido pelo diálogo entre literatura, história e arte, o segundo com negritude e promoção de igualdades.

Finalizando, temos **CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NA APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA PELA CRIANÇA**, por Talita Emanuella Ferreira Citó, Andreza Maciel Mesquita e Priscila Barros de Freitas, e **A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL ATRELADA A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS**, por Fabrícia Cristina Paes Pinheiro, Manuela Gomes Maués, Renan Pinheiro Silva, Tatiane Tavares de Oliveira, Felipe Edward Maciel Santos, Kelly Lima Bentes, Roberto Miranda Cardoso, Alessandro Monteiro Rocha, Pedro Paulo Lima Ferreira e Emerson Ferreira Pantoja. O primeiro aborda a Psicopedagogia e o ensino, enquanto o segundo traz a interpretação de texto como meio eficaz para o ensino de matemática.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS CURSOS DE LETRAS NO BRASIL QUINHENTISTA E OS <i>MONUMENTA ANCHIETANA</i> : UMA ANÁLISE À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.4692025051	
CAPÍTULO 2	17
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POSSIBILIDADE DE ESTIMULAR MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS DE DISCENTES PARA EVENTOS DE LETRAMENTO	
Ewerton Lucas de Mélo Marques Maria Auxiliadora Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.4692025052	
CAPÍTULO 3	27
LÍNGUA-ESTRUTURA E LÍNGUA-ACONTECIMENTO: UM OLHAR SOBRE O TÓPICO “GRAMÁTICA/ DISCURSO” DA PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA	
Fabiane Aparecida Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.4692025053	
CAPÍTULO 4	37
A TUPINOLOGIA E SEUS CRÍTICOS	
Eduardo de Almeida Navarro	
DOI 10.22533/at.ed.4692025054	
CAPÍTULO 5	51
UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES INDIVIDUAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Rodrigo Schaefer	
DOI 10.22533/at.ed.4692025055	
CAPÍTULO 6	64
SABERES LOCAIS E O TEXTO MULTIMODAL: PRÁTICAS DE TRANSLETRAMENTOS NA FRONTEIRA	
Adriane Elisa Glasser Maria Elena Pires Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4692025056	
CAPÍTULO 7	73
O CONTO PERDIDO EM VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS, DE RUBEM FONSECA	
Lucio Flavio Rocha Junior	
DOI 10.22533/at.ed.4692025057	
CAPÍTULO 8	80
QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA - A ESCRITA DE SI EM CAROLINA MARIA DE JESUS	
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.4692025058	

CAPÍTULO 9	91
A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL E OS PRINCÍPIOS BÁSICOS QUE REGEM A ARTE COMO DISCIPLINA	
Margareth Carli	
DOI 10.22533/at.ed.4692025059	
CAPÍTULO 10	103
A PINTURA DE RETRATO NA SOCIEDADE PAULISTANA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL	
Débora Elise de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46920250510	
CAPÍTULO 11	116
PALAVRAS E EXPRESSÕES INDÍGENAS EM TOADAS DE BOI BUMBÁ	
Maria Celeste de Souza Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.46920250511	
CAPÍTULO 12	128
ICONICIDADE E INDICIALIDADE NA MÚSICA ELETROACÚSTICA	
Fábio Scucuglia	
DOI 10.22533/at.ed.46920250512	
CAPÍTULO 13	139
MOVER E APRENDER: EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO NA ROTINA ESCOLAR	
Amanda da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.46920250513	
CAPÍTULO 14	151
A META-HISTÓRIA COMO MÉTODO NARRATIVO APLICADO ÀS MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE IBERÊ CAMARGO NA SÉRIE CARRETÉIS	
Mirian Martins Finger	
Jorge Luiz da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.46920250514	
CAPÍTULO 15	161
FILME “PANTERA NEGRA”: A REPRESENTAÇÃO POSITIVA DA ÁFRICA E DO NEGRO NO CINEMA COMO AÇÃO DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL	
Andressa Queiroz da Silva	
Mauricio dos Santos Lopes Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.46920250515	
CAPÍTULO 16	173
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA NA APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA PELA CRIANÇA	
Talita Emanuella Ferreira Citó	
Andreza Maciel Mesquita	
Priscila Barros de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.46920250516	

CAPÍTULO 17 180

A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL ATRELADA A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Fabírcia Cristina Paes Pinheiro

Manuela Gomes Maués

Renan Pinheiro Silva

Tatiane Tavares de Oliveira

Felipe Edward Maciel Santos

Kelly Lima Bentes

Roberto Miranda Cardoso

Alessandro Monteiro Rocha

Pedro Paulo Lima Ferreira

Emerson Ferreira Pantoja

DOI 10.22533/at.ed.46920250517

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 192

ÍNDICE REMISSIVO 193

MOVER E APRENDER: EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO NA ROTINA ESCOLAR

Data da submissão: 03/04/2020

Data de aceite: 08/05/2020

Amanda da Silva Pinto

Universidade do Estado do Amazonas/ESAT

Manaus/AM

<http://lattes.cnpq.br/2910246309324962>

RESUMO: A presente pesquisa propõe o corpo em movimento nos processos de aprendizagem, sendo este movimento um sentido do corpo. Como um sentido, é, portanto, responsável por enredamentos neuronais envolvidos na relação movimento-conhecimento, ou seja, qualquer aprendizado pressupõe as estruturas sensoriomotoras para ocorrerem. Instauram-se aqui experiências do movimento no cotidiano escolar, inclusive do movimento artístico (dança), de forma que promova aprendizagem, as quais passam por propostas de tática de atenção e movimentos relacionados aos conteúdos, ministrado em aulas tradicionais, na metodologia de pesquisa participante numa escola da rede pública de ensino de Manaus-AM. Nas experiências observadas, é possível perceber que quando o movimento é conscientemente estimulado outros enredamentos cognitivos são encaminhados, aguçando a atenção para o ato de aprender e estabelecendo vias diferentes

de entrar em contato com o mesmo assunto, conteúdo do aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento. Escola. Aprendizagem

MOVING AND LEARNING: MOVEMENT EXPERIENCES IN THE SCHOOL ROUTINE

ABSTRACT: This research proposes the body in movement in the learning processes, being this movement a sense of the body. As a sense, it is, therefore, responsible for neuronal entanglements involved in the movement-knowledge relationship, that is, any learning presupposes the sensorimotor structures to occur. Here, experiences of the movement are established in the school routine, including the artistic movement (dance), in a way that promotes learning, which undergo proposals for attention tactics and movements related to the contents, taught in traditional classes, in the participatory research methodology in a public school in Manaus-AM. In the observed experiences, it is possible to perceive that when the movement is consciously stimulated, other cognitive entanglements are directed, sharpening the attention to the act of learning and establishing different ways of getting in contact with the same subject, learning content.

PALAVRAS-CHAVE: Movement. School. Learning

1 | INTRODUÇÃO

O (des)entendimento de corpo nas Instituições de Ensino tem papel central na educação que lá se pratica. No Brasil, o dualismo corpo-mente¹ ainda é hegemônico no modo como o senso comum compreende o corpo, e se faz presente também nas escolas, no modo como separa o corpo (físico) da mente (abstrata), que habitaria e comandaria este corpo. Na Escola, isso aparece, de imediato, nas formulações de que “trabalhar a mente” é muito mais importante do que “trabalhar o corpo”. Todavia, a aprendizagem se constitui em um procedimento muito mais complexo do que apenas a reunião da leitura com a habitual ênfase no “raciocínio mental”. Sendo o cérebro conectado aos sentidos do corpo, necessita, para a efetiva aprendizagem, segundo Cosenza e Guerra (2011), de um complexo de operações que envolvem neuroplasticidade, memórias, atenção, emoções e sensações, as quais se enredam em conduções sinápticas, em um “trabalho em equipe”. Desde a constituição da base dessa rede (enquanto espécie e enquanto indivíduo), até a formação de conceitos complexos na fase adulta, é imprescindível reconhecer o papel do nível *sensório-motor*² nos humanos. Da mesma forma, atentar para o entendimento de “formação de conceitos”, o qual jamais será o de “ideia mental” como no cognitivismo, mas de formação de conceitos **cognitivos**, onde o corpo inteiro comunica (KATZ e GREINER, 2005) expressa e compreende na simbiose do mundo, sem dualismos, sem fronteiras, ou seja, na liquidez dos processos. Mais especificamente, a pesquisa propõe que as estruturas sensoriomotoras do movimento (sentido do movimento trazido à luz de Alain Berthoz, 2000), são responsáveis pela construção de conhecimento de qualquer natureza. Já que este sentido participa constantemente da construção cognitiva, considera-se aqui que o mesmo esteja envolvido no processo do aprender. Para tal, é considerada uma metodologia de pesquisa participante, na qual realiza dois procedimentos experimentais em aulas diversas: (1) realizando movimentos aleatórios com os alunos enquanto assistem uma aula tradicional, com lousa/professor e sentados nas carteiras, de frente para a lousa; e (2) abordando os mesmos assuntos vistos nas disciplinas de outras formas diversas, como dançando ou sensibilizando o corpo inteiro. As aulas elegidas para a aplicação destes procedimentos foram as de Matemática e Língua Portuguesa, do 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual de Tempo Integral Francisca Botinelly Cunha & Silva, da Rede Pública de Ensino, na cidade de Manaus-AM, das quais será focado no presente artigo somente sobre as aulas

1 O dualismo corpo-mente tem em Descartes (1596-1650) um poderoso representante. Ele assegurava que a mente humana não era uma extensão física e o corpo sim, ou seja, corpo e mente tinham naturezas distintas (corpo-substância física e mente-substância não física, imaterial). Damásio (2004) aponta que talvez esse não fosse um entendimento da vida inteira de Descartes, porém o empenho para alocar a glândula pineal neste mecanismo de ligação corpo-mente caracteriza, de certa forma, que distinguia mente e corpo como substâncias diferentes.

2 Escrita adotada por se entender que é um procedimento que ocorre sempre junto, e não como dois processos em separado (sensório e motor). Por isso, grafa-se aqui sem hífen, baseado em Rengel (2009). Na grafia tradicional da língua portuguesa, este termo é escrito sensório-motor.

de Língua Portuguesa. As intervenções realizadas em cada aula são descritas à luz do referencial teórico, buscando explorar a relação movimento-conhecimento. Houve necessidade de destacar como o movimento pode ser um “motivador” da atenção, para que seja construído o conhecimento, supondo que, ao mudar os alunos de atividade (inserindo movimento nas aulas tradicionais), a atenção pode ser estimulada para o foco principal da aula (1). A pesquisa de campo se pautou, portanto, nestes dois pontos: tática de atenção (1) e relacionado aos conteúdos (2). Para tanto, o sentido do movimento precisa ser localizado para compreensão das experiências descritas posteriormente.

2 | O SENTIDO DO MOVIMENTO

Berthoz³ (2000) aponta para um sentido do corpo pouco explorado, porém essencial para a compreensão de como formamos os conceitos que nos guiam. Chama o movimento de sexto sentido (sentido do movimento ou cinestesia), passando pela propriocepção muscular e pelo sistema vestibular, os quais atuam no nível da inconsciência e, por isso, não é percebido da mesma maneira que os outros cinco sentidos. O movimento, quando aceito como um sentido do corpo, pode atuar de forma diferente na Educação, colaborando na construção de outras estratégias pedagógicas nas Instituições de Ensino.

Para conhecer, é necessário perceber. Para perceber, é necessário sentir. Para Greiner (2012), a percepção sobre o mundo já é um pensamento, mesmo que ainda não se configure em um julgamento.

Perceber já é um modo de pensar sobre o mundo ou, em outras palavras, toda experiência, mesmo sem se configurar como um julgamento, é pensável. Ter uma experiência, assim como improvisar, é ser confrontado com um modo possível de mundo. O conteúdo da experiência e o conteúdo do pensamento, em muitos sentidos, são os mesmos. A ignição está no movimento. (GREINER,2012,<https://milplanaltos.wordpress.com/2012/07/30/rediscutindo-a-natureza-da-percepcao>)

Assim como os sentidos nos possibilitam a percepção das coisas, e sendo estes sentidos sempre ativos (ou seja, sempre vemos o que buscamos), a percepção tem relação direta com os sentidos, inclusive com o sentido do movimento. Percebemos o mundo com a reunião de nossos sentidos e, portanto, com o sentido de noção de movimento que nossas estruturas sensório motoras possuem. Temos percepção da forma das coisas, do movimento delas, de suas dimensões e tamanhos porque temos o sentido do movimento, segundo Nöe (2004)⁴. Como os demais sentidos,

3 Alain Berthoz é especialista em fisiologia integrativa. Suas pesquisas cuidaram do controle multissensorial do olhar, do equilíbrio, da locomoção e da memória espacial, além de chamar a atenção para o movimento ser um sentido do corpo, um sexto sentido.

4 Alva Nöe recebeu seu Ph.D. de Harvard em 1995 e é professor de filosofia na Universidade da Califórnia, Berkeley, onde também é membro do Instituto de Ciências Cognitivas e do Cérebro e do

o movimento está presente em qualquer natureza perceptiva, colaborando com a apreensão também de conceitos abstratos, os quais estão sempre enredados com as estruturas sensoriomotoras (LAKKOFF & JONHSON, 1999).

Berthoz propõe que o esquema de ação e, claro, sua percepção, são informações relacionadas. São memórias matemáticas, de escolhas pessoais, experiências anteriores, enfim, uma rede de informações que preditam a ação a ser realizada. Percepção é ação! Não há como pensar em percepção sem a informação da ação. A intenção de movimento, seu planejamento, já acontece na percepção, pois já é uma hipótese sobre o mundo. Ao perceber qualquer coisa, imediatamente a informação de percepção já vem com a intenção da ação pretendida. A partir da percepção conhecemos/aprendemos. Na verdade, ao percebermos as coisas, já pressupomos a forma como agimos perante as mesmas. Ou seja, as percepções são atitudes. Cada organismo, em sua história evolutiva, adapta-se a um jeito de perguntar ao mundo o que precisa dele. Questiona-o, dependendo da forma como consegue estar nele, o que depende da nossa constituição culturalbiológica.

A intenção ou ação pretendida sustenta o movimento como primeiro sentido. Ao perceber/conhecer com a visão, audição, tato, paladar ou olfato, a percepção (a qual já se configura como ação) é conscientemente “printada” com movimento. Nesta proposta, todas as percepções/conhecimento garantem a passagem pelo movimento no organismo, visto que qualquer percepção já conota uma intenção (no contexto ativo) do que e como pretendemos perceber/aprender.

3 | EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO

A proposta aqui é a de trabalhar o movimento como o primeiro sentido nos processos de aprendizagem. Já que este sentido participa constantemente da construção cognitiva, considera-se que o mesmo esteja envolvido no processo do aprender. Para tal, a pesquisa propõe uma metodologia de pesquisa participante, na qual realiza dois procedimentos experimentais e uma reflexão sobre a sua inserção em aulas diversas: (1) realizando movimentos aleatórios com os alunos enquanto assistem uma aula tradicional, com lousa/professor e sentados nas carteiras, de frente para a lousa (que é chamado aqui de “movimentos aleatórios para tática de atenção”); (2) abordando os mesmos assuntos vistos nas disciplinas de outras formas, como dançando ou sensibilizando o corpo inteiro (que aqui é denominado de “movimentos relacionados aos conteúdos”).

Centro de Novas Mídias. Ele trabalha sobre a natureza da mente e a experiência humana. Foi filósofo-residente da “The Forsythe Company” e também colaborou criativamente com os artistas de dança Deborah Hay, Nicole Peisl, Jess Curtis, Claire Cunningham, Katye Coe e Charlie Morrissey.

3.1 Movimentos aleatórios para a Tática de Atenção

Adentrando a sala de aula de 42,24 m², sendo que 1 x 5m² desta sala são somente do professor, ocupado por uma mesa bem larga e uma cadeira de madeira. O restante do espaço é dividido em média com 45 carteiras, as quais são ocupadas pelos alunos. O primeiro aspecto que se destaca é justamente a falta de espaço adequado. Posicionava-me, em cada aula, ora ao fundo da sala, ora nas laterais, sentada em uma carteira, de forma que conseguisse ver a maioria dos alunos presentes. De onde ficava, podia notar o comportamento gestual dos envolvidos nestas atividades, tanto numa aula expositiva que empregava a lousa, como na expositiva exclusivamente oral, a qual utiliza o livro ligando professor e alunos. O professor, em pé, ao lado da lousa, ou lá na frente, com seu livro, se movimentava a todo o momento. Os alunos, por sua vez, permaneciam sentados e mudavam de posição nesta condição de sentados (ora se posicionando mais à frente da cadeira, ora mais para trás, ora apoiavam a cabeça nas mãos, com os cotovelos nas “mesas”, ora não apoiavam; viravam, sentando de lado, apoiando a cabeça nas mãos, com os cotovelos nos joelhos; ora apoiavam o livro na “mesa”, ora nas coxas). Eles também se espreguiçam, esfregam os olhos, ajeitam os cabelos, os que estão na fileira encostada na parede apoiam suas cabeças nela.

Em quaisquer das situações, é perceptível que a mudança de posição é uma ação organicamente necessária. Porém, nota-se que esses micromovimentos ainda não dão conta da necessidade que o corpo sente de se movimentar, recusando o longo tempo em que precisa se manter somente sentado. Consequentemente, a atenção é desequilibrada, visto que o desconforto é extremo. No caso da aula observada, o recurso que o professor empregava, para conseguir a atenção dos alunos era a modulação da sua entonação de voz. Alternando, tanto na fala como na gesticulação, favorecia a atenção dos alunos. Mas, mesmo nesta situação, os corpos desses alunos “gritavam” a todo o momento: *“queremos desgrudar da carteira!”*

Intervenção 1: Ao lado do professor da disciplina, a aula é interrompida. Então pedi que os alunos se posicionassem em pé, ao lado da carteira, e fizessem alguns movimentos simples, só para mudarem de posição e moverem outras partes do corpo. Nas sugestões de movimento (que eu ia descrevendo e executando, e os alunos iam reproduzindo), fui dirigindo o momento, propondo movimentos em outras direções que as do ato de estar sentado olhando para frente ou para o caderno. A duração da intervenção foi de 2 minutos. Ao voltarem a se sentar e a prestar atenção à exposição do professor (na lousa), se mostraram visivelmente mais despertos. Os alunos que estavam quase dormindo, agora se apresentavam mais atentos. Essa atenção redobrada e mais viva durou cerca de não mais que 5'. Após esse tempo, a atenção começou a se dissipar novamente. Essa alternância de atenção e disposição para a aula também foi observada pelo professor da disciplina, que afirmou nunca ter visto uma atitude tão enérgica deles, enquanto participação na aula, como a que foi desenvolvida minutos após a indução do movimento.



Figura 1: Intervenção 1

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Intervenção 2: A atividade da aula, neste dia, se concentrou em fazer exercícios no caderno sobre “Estrutura das Palavras”. A quantidade de exercícios é grande, demandando muita concentração e tempo, dada a complexidade das questões. Contudo, a concentração é difícil devido a conversas paralelas, ou seja, alguns se dispersam e conversam, desconcentrando os demais. Após 20 minutos de atividade, sugeri uma pausa para um jogo rítmico.

Todos levantaram de suas carteiras e fizeram um grande círculo ao redor delas. Numa brincadeira de noções de pulsação rítmica em contagem de compassos quaternários⁵, propus, primeiramente, que compreendessem a pulsação simples da “música”, executada pelo próprio grupo com as mãos (não havia acompanhamento de som mecânico). Após a pulsação corpada⁶, cada um na sua medida, começamos a alternar movimentos do corpo dentro dessa pulsação. A cada quatro tempos se executava um movimento diferente em conjunto, ora proposto por mim, ora pelos próprios alunos. Intercalando entre os vários movimentos executados, em cada quatro tempos, estava a marcação base com as mãos.

O detalhamento da noção rítmica é dispensável para o objeto investigado, porém, o jogo rítmico traz uma noção de movimento diferente do que foi feito na Intervenção 1, pois aguça noções de espaço e tempo e coordenação, interessantes e instigantes

5 Frases musicais que são assim designadas por medidas de pulsação rítmica da música. Existem músicas binárias, ternárias e quaternárias. Dependendo da frequência da sua pulsação rítmica, é classificada como uma dessas.

6 O uso do verbo ‘corpar’ é uma proposta de Helena Katz, para evitar os dualismos implicados nas traduções mais usuais de ‘embodiment’ (encarnar, corporificar, incorporar etc). Quando se propõe o verbo “corpar” se deseja designar que o corpo está sempre “corpando” na sua relação com o meio, ou seja, se refazendo, ressignificando, reconstruindo, diferente da noção de incorporar algo no sentido de que algo “entra” no corpo.

para a cognição, sobretudo quando se trata de adolescentes. Neste sentido, o jogo é intenso e prazeroso, o que os faz voltar com mais vontade à aula ou à atividade no caderno. Além disso, o movimento proposto nesta aula ativa outras atenções, outras redes neurais, que ativam mais o sentido do movimento e que, ligadas ao prazer, se tornam mais eficazes, como coloca Cosenza e Guerra (2011). A duração do jogo foi de 5 minutos e a atenção e engajamento na resolução da atividade no caderno após o jogo durou, em termos de energia disponível para tal, outros 5 minutos. Após esse tempo, a atenção começa a dissipar novamente.

... os órgãos dos sentidos enviam as informações relevantes até o cérebro por meio de circuitos neuronais. Se um estímulo importante, com valor emocional, é captado, ele pode mobilizar a atenção e atingir as regiões corticais específicas, onde é percebido e identificado, tornando-o consciente. (COSENZA e GUERRA, 2011, p. 76)

Intervenção 3: Neste encontro, a proposta era manter o foco na aula de exposição oral/lousa, com adições de movimentação no decorrer da aula. No caso, o professor mantém sua exposição, ao mesmo tempo em que eu (posicionada ao lado da lousa) ofereço um comando visual qualquer de movimento. Concomitantemente à exposição do professor, os alunos se movimentam.

Nota-se que a movimentação é proposta a cada 15 minutos, em média, tempo este que não era previamente calculado, mas que corresponde ao tempo que durava a atenção à exposição do professor e ao surgimento da inquietação nos alunos, sentados na carteira. Sempre que se notava uma atitude mais cansada por parte dos alunos, menos proativa, com a atenção se dissipando (e isso é facilmente notado pelas posturas corporais ou nos focos do olhar), era proposto uma mudança de posição ou uma movimentação simples.

Foi possível perceber que a atenção se manteve durante toda a aula (50 minutos), mesmo que fosse para prestar uma dupla atenção (pois a regra exposta no início da intervenção foi que os mesmos focassem a atenção na exposição do professor, que seria contínua, sem pausas). Porém, durante toda a exposição, os alunos deveriam estar em alerta porque a qualquer momento haveria a intervenção de movimento e, passariam a acompanhar esses movimentos, executando-os junto comigo.

A proposta de sempre haver outro corpo dentro da sala de aula (no caso, o meu, que estava propondo os movimentos), além do professor da disciplina e dos alunos, pode vir a se transformar em uma reivindicação futura, mas não cabe neste momento da presente pesquisa como propositura metodológica. O que se pretende, neste momento, é atentar para a importância do movimento nos processos educacionais, sublinhando que aconteceu desta forma (com um terceiro corpo) para viabilizar a investigação da hipótese aqui proposta. Porque o ideal seria que o próprio professor da disciplina realizasse essas intervenções – o que implica na sua formação, assunto para outra investigação.

No decorrer da atenção alternada, a participação dos alunos nas indagações do professor era intensa, assim como a sua manifestação para o que se passava na lousa. Digo manifestação me referindo às atitudes que tomavam, pois é necessário deixar clara a impossibilidade de saber o que os alunos pensam durante a exposição do professor. Apesar disso, a diferença notada entre a atitude corporal manifesta com a intervenção de movimento e uma aula sem este tipo de intervenção, é visualmente nítida!

Os movimentos aleatórios propostos, portanto, podem trabalhar a *atenção reflexa*, a qual, segundo Cosenza e Guerra (2011), diz respeito aos estímulos periféricos envolvendo a novidade e o contraste, função que talvez combine com tais tipos de movimento. Porque são movimentos que propõem ações contrastantes ao que está acontecendo na aula, enquanto o aluno permanece na sua posição habitual, sentado na carteira, olhando para frente, ouvindo/vendo o professor falar e escrever na lousa. Por vezes, o único movimento estimulado nos alunos, nestas aulas, é o da escrita no caderno.

...o manejo do ambiente tem grande importância. A minimização de elementos distraidores e a flexibilização dos recursos didáticos, com o uso adequado da voz, da postura e de elementos como o humor e a música podem ser essenciais, principalmente para estudantes de menor idade, mas também para plateias mais maduras. É bom lembrar que a novidade e o contraste são eficientes na captura da atenção. (COSENZA E GUERRA, 2011, p. 48)



Figura 2: Intervenção 3

Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Ao mesmo tempo, o exercício da tática de atenção pode ser positiva também quando a provocação da postura ativa dos alunos é estimulada com uma abordagem

que seja interessante para a sua vida cotidiana ou que faça parte do seu universo de interesse. Naquela escola, as danças populares são de grande interesse da maioria e foram as danças evocadas por atenderem a esse critério, visto que pertencem ao seu universo cultural, favorecendo a possibilidade de ligá-las ao conteúdo da Língua Portuguesa estudado (aglutinação e hibridismo).

3.2 Movimentos relacionados aos conteúdos

Neste tipo de proposta, a ideia é aprender os conteúdos se utilizando também da sensibilidade do movimento (*primeiro* sentido). Nesse momento, é proposto aos alunos trabalharem o conteúdo com o qual estão entrando em contato na forma de movimento. Os processos de analogia e metafóricos são muito estimulados neste procedimento, visto que os alunos buscam estudar o assunto da exposição oral do professor ou das leituras, associando movimentos a eles.

Esta foi a proposta que se mostrou mais proveitosa, visto que o assunto estudado por eles na disciplina foi estudado também como dança (cultura corporal). O hibridismo e a aglutinação (formação) de palavras foram estudados como uma aglutinação e hibridismo⁷ de culturas, fenômenos que acontecem também com todas as outras linguagens, inclusive na dança, que é uma arte do movimento. Enquanto manifestação popular e cultura corporal, essas formas de dançar também conversam, se misturam, se reconstróem e se ressignificam pelos povos. Os alunos fizeram um trabalho prático de sensibilização e puderam perceber vários processos de aglutinação e hibridismo nas danças populares brasileiras.

Nesta proposição, a ideia era que os alunos experenciassem o assunto da aula de Língua Portuguesa de outra forma. O conteúdo era hibridismo e aglutinação das palavras. Nesse momento do planejamento da disciplina, os alunos vêem como as palavras são formadas, suas origens, seus sufixos e prefixos, numa rede de (re)significação que vão, como qualquer coisa no mundo, sofrendo *semiose*⁸ ao longo do tempo. Percebeu-se, portanto, que não só as palavras são (re)construídas dentro das culturas, mas sua expressão corporal (dança) também.

Vimos, então, através de vídeos, três tipos/estios de dança, ou seja, de expressões culturais, bem conhecidas pelos adolescentes desta região manauara urbana: **forró, boi-bumbá e danças urbanas (Free Step⁹)**. Observamos, nessas três manifestações, os radicais/raízes dessas danças, nos quais misturam-se informações

7 Aglutinação e Hibridismo são processos de formação de palavras da língua portuguesa, onde a aglutinação seria o processo da formação da palavra por junção de duas ou mais palavras do mesmo idioma e o hibridismo por dois termos de idiomas diferentes.

8 Para Charles Sanders Peirce, é a ação do signo. Este, por sua vez, é um sinal ou uma materialidade qualquer percebida pelos sentidos, o qual, em processo de semiose, significa para o indivíduo. A semiose seria, portanto, o processo de significação e ressignificação do signo. (PEIRCE, 1839-1914)

9 Estilo de Dança Urbana, nascido em meados de 1950, nos contextos urbanos e marginalizados do Brooklyn, que levou essa definição por ser um estilo que não elaborou regras para os movimentos dos pés: quanto mais acelerado e complexo for, mais habilidoso é o dançarino deste estilo. Movimento livre dos pés.

biológicas culturais. Essas danças manifestam características do dia-a-dia, os costumes e têm muito a nos dizer sobre aquelas pessoas, as quais não deixam de ser os próprios alunos. Neste caso, não só observaram os vídeos como organizaram apresentação dessas danças dançadas por eles.

A cada estilo observado, era convocada uma conversa sobre a observação dos movimentos de raiz, o motivo do corpo se “comportar” daquela forma ao dançar, suas posturas e gestos. Eles tanto identificaram tais características, como se dispuseram a demonstrar o que sabiam sobre elas (dançaram em sala). No primeiro deles, o forró, perceberam, por exemplo, a semelhança com a lambada e com a dança *arrasta pé* nordestina, momento em que identificaram que nosso Estado teve muita imigração de nordestinos no início do século XX, com a fase da exploração da borracha no Amazonas. Por serem terras muito quentes, tanto no nordeste como no Estado amazonense, essas danças muito elétricas e que usam pouca roupa, têm grande possibilidade de se instalar. Porém, na região amazônica, a sensualidade e a velocidade na execução de movimentos é bem maior que no nordeste, sofrendo aí uma alteração.

Já no boi-bumbá, os alunos percebem que, além da movimentação típica das danças indígenas, como o costume de levantar as lanças, se abraçar e bater fortemente os pés no chão, o remelexo dos quadris do forró nordestino foi incorporado à nossa dança do boi-bumbá, se tornando uma característica dessa dança regional. O bater palmas (movimentação também muito frequente nessas coreografias) é trazido pelas celebrações indígenas, o que agrega ao ritmo musical marcante e vibrante. Desta forma, comportamentos corporais de negros e índios fazem a cultura dessa dança.

As danças urbanas são a preferência entre os adolescentes do sexo masculino, principalmente. Nela, puderam perceber a movimentação de pés (que é a principal característica do estilo específico observado, *free step*) muito acelerada e diversa, o que identificaram como semelhança com o *funk*, muito dançado nas capitais norte-americanas e brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro. Buscando liberdade de expressão e uma forma própria de se calçar (tênis) e de se movimentar no asfalto, os dançarinos do *free step* fizeram o estilo ganhar afirmação nas ruas e acompanhar também os ritmos vibrantes e acelerados da moda da indústria musical, que invade as áreas urbanas.

Para a continuação da pesquisa, foi proposto aos alunos que trouxessem, no próximo encontro, o estilo que quisessem (organizado em equipes), e identificassem nessas danças os radicais, sufixos e prefixos das mesmas. Para tanto, precisariam pesquisar a origem das danças, sua história, os costumes do povo que a dança, enfim, um arsenal de informações que, de certa forma, regulamentariam esse repertório corporal e destrinchariam as aglutinações realizadas. Ambas (formação de palavras e danças) são composições de linguagem e constituição de cultura.

Neste próximo momento, nos dedicamos ao compartilhamento de conhecimentos em danças, cada grupo com sua especificidade, e suas relações com os hibridismos e aglutinações feitas de cultura para cultura, seja temporal (através dos tempos) ou

especialmente (geograficamente) fundidas. Sabemos que os fatores que levam duas culturas de espaços físicos diferentes se encontrarem são diversos, assim como o processo de semiose ocorrido dentro de uma mesma cultura ao longo do tempo. Para tanto, os alunos, em seus contextos, produziram reflexões. As equipes trabalharam basicamente na decomposição dos passos básicos de cada dança escolhida.

Os alunos compreendem as questões da linguagem, as relações/comparações feitas entre dança e estudo da composição de palavras. Porém, como são exercícios pontuais no semestre, e nem todos os alunos têm o engajamento necessário para atentar à aula, a efetivação do processo se perde. Aqueles que se dedicaram, sem sombra de dúvidas conseguiram se sensibilizar, ao menos. Quando as aulas de dança ocorrem em paralelo às de Língua Portuguesa, o aprendizado tem mais sucesso, pois a sensibilização corporal acontece em paralelo à exposição exclusivamente verbal de determinado assunto. Neste tipo de procedimento interdisciplinar com a Língua Portuguesa percebe-se a apreensão dos conteúdos trabalhados, seja pela ação cognitiva do movimento, seja no exercício da atenção com o movimento aleatório.

4 | NOTA CONCLUSIVA

Quanto mais fontes de aprendizado pudermos oferecer aos nossos alunos, mais eficiente será este processo. Além da experiência oral, leitura e escrita, a expressividade do mover o corpo inteiro não pode ser negada, sendo todos os circuitos do sentido do movimento aflorados, conectando sinapses outras que enredarão outros circuitos não motivados nas experiências tradicionais. Apesar dessas linguagens do dia-a-dia escolar não se desprenderem cognitivamente do sentido do movimento pelas implicações metafóricas, as quais possuem nas estruturas sensoriomotoras a base para significarem para nós, o movimento, quando conscientemente estimulado (como a movimentação ampla dos membros, a coordenação rítmica e o formato dançante), traz informações para uma qualidade de presença para os alunos que cultivam formas neuromusculares de pensamento passíveis de outros gatilhos de significação e de contato com o organismo (aluno). Estes diferem dos gatilhos tradicionais e, portanto, sugerem um efeito de aprendizado, ao menos, distinto do que ocorre todos os dias nos ambientes escolares, possibilitando caminhos para tentarmos acompanhar pedagogicamente as mudanças cognitivas (entendamos corporais) em curso, para as quais as formas tradicionais estão cada dia mais sufocantes.

Construir conhecimento considerando que a elaboração de conceitos necessita de várias ações, até se formar uma ideia de algo, é colocar as sinapses em movimento. É possibilitando experiências, diferentes enredamentos neuronais, imaginando possibilidades, que os conceitos vão significando e ressignificando para nós e, desta forma, estabelecendo um eterno movimento sináptico do organismo, durante toda a vida. A ação de mover, seja visível ou não aos olhos de outro organismo,

ocorre a todo o momento, sem pedir licença, permissão ou mesmo ser consciente. O movimento sináptico, ao acontecer, movimenta todo o organismo, todo o arcabouço *culturalbiológico* que o mantém em constante construção, inclusive, de sua expressividade, elemento chave para mantermos a comunicação nos processos educativos.

REFERÊNCIAS

BERTHOZ, Alain. **The Brain's sense of movement**. Trad. Giselle Weiss. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAMASIO, Antonio R. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. Trad. Laura Motta. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

FAZENDA, Ivani; GODOY, Herminia; TAVARES, Dirce. **Interdisciplinaridade na Pesquisa Científica**. Campinas: Papyrus, 2015.

GREINER, Christine. **Rediscutindo a natureza da percepção**. 2012

KATZ, Helena T. e GREINER, Christine. **Por uma teoria Corpomídia. In: O Corpo**. 2. Ed. São Paulo: Annablume, 2005.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

NOE, Alva. **Action in Perception**. Cambridge: MIT Press: Cambridge/MA, 2004.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2015.

RENGEL, Lenira. **Corponectividade – Comunicação por procedimento metafórico nas mídias e na educação**. 2007. 169 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Área de Concentração: Signo e Significação das Mídias, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 12, 15, 16, 26, 46, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 104, 109, 110, 128, 136, 152, 159, 164, 179

B

Boi Bumbá 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 127

Brasil 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 28, 29, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 66, 89, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 115, 120, 140, 155, 164, 166, 169, 170, 171, 179, 191, 192

C

Conto 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Cultura 5, 16, 21, 38, 41, 47, 48, 49, 64, 66, 67, 68, 70, 94, 95, 98, 101, 102, 115, 118, 119, 126, 147, 148, 149, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 177, 192

D

Dança 93, 99, 100, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 139, 142, 147, 148, 149, 156

Discurso 5, 7, 8, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 48, 67, 74, 83, 95, 152, 154, 159, 160, 166

E

Ensino da arte 91, 92, 94, 98, 99, 102

Escrita de si 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90

Estágio 17, 19, 103

F

Filme 66, 67, 76, 161, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171

G

Gramática 1, 2, 3, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 46, 47, 50, 52, 53, 57

H

Historiografia 1, 2, 3, 15, 16, 152, 159

I

Iconicidade 128, 133, 134, 135, 136

Igualdade 161, 163, 167, 170

Indicialidade 128, 133, 134, 136

Indígena 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 48, 49, 120, 122, 124, 125, 126

Interpretação 30, 33, 34, 51, 52, 56, 57, 62, 154, 158, 159, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 190

L

Letramento 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 90

Letras 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 26, 36, 40, 64, 80, 90, 103, 119, 120, 150, 161, 172, 191, 192

Língua estrangeira 51, 52, 53

Língua portuguesa 17, 18, 19, 20, 22, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 41, 43, 50, 64, 66, 67, 71, 140, 141, 147, 149, 183, 184, 191, 192

Linguística 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 14, 15, 16, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 34, 39, 43, 46, 48, 64, 118, 127, 130, 135, 138, 153, 192

Literatura 8, 16, 35, 38, 42, 48, 49, 52, 75, 83, 88, 90, 95, 162, 163, 164, 171, 192

M

Memórias 82, 84, 104, 140, 142, 151, 153, 159

Meta-História 151, 159, 160

Movimento 5, 67, 78, 85, 91, 93, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 153, 162, 163, 164

Música 19, 20, 21, 51, 52, 55, 56, 61, 67, 93, 97, 99, 100, 116, 119, 120, 122, 124, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 137, 144, 146

N

Negro 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171

P

Processo de aprendizagem 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 62, 174, 177, 178

Psicopedagogia 173, 174, 175, 176, 178, 179

R

Resolução de problemas 180, 181, 182, 190, 191

T

Texto 2, 3, 5, 7, 9, 27, 29, 31, 32, 34, 40, 45, 47, 57, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 83, 130, 138, 151, 153, 154, 159, 184, 185, 186, 188, 190

Toadas 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 126, 127

Tupi 8, 13, 14, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 124, 125, 126
Tupinologia 37, 40, 41, 42, 49

 **Atena**
Editora

2 0 2 0